

**USOS CONTEMPORÂNEOS DOS VERBOS *DEITAR* E *VOAR* NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

**CONTEMPORARY USES OF THE VERBS *LIE DOWN* AND *FLY* IN BRAZILIAN  
PORTUGUESE**

Arielly Ferreira Berlandi<sup>1</sup>

Solange de Carvalho Fortilli<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo apresentar usos dos verbos *deitar* e *voar* no português brasileiro, uma vez que seus sentidos primários, *estender-se ao comprimento* e *sustentar-se no ar por meio de asas*, têm dado lugar a acepções diferentes, passando a se relacionar a expressões como “ter um bom desempenho/sucesso” em alguma atividade. Com base em estudos de autores que lidam com mudança linguística, como Heine *et al* (1991) e Bybee (1994; 2003; 2010), além de Lakoff e Johnson (1980), será investigada a atuação de mecanismos desencadeadores de alterações semânticas, tais como metaforização, abstratização e generalização de significados, os quais levam os verbos a atuarem em novos contextos. Para coleta dos dados, utilizaram-se a rede social *Twitter*, os jornais *Folha.com*, *Globoesporte.com* e *G1.globo.com*, todos disponíveis online. Pela enorme quantidade de dados, foram selecionadas as 30 primeiras ocorrências de cada verbo em seus usos mais inovadores, publicadas entre janeiro de 2017 e janeiro de 2019.

**Palavras-chave:** Funcionalismo; mudança linguística, abstratização; verbos.

**Abstract:** This paper has as objective to present uses of the verbs *to lie down* and *to fly* in Brazilian Portuguese, since its primary meanings, *to extend lengthwise* and *to be supported in the air by means of wings*, have given place to different meanings, happening the relate to expressions such as “having a good performance / success” in some activity. Based on studies by authors dealing with linguistic change, such as Heine *et al* (1991) and Bybee (1994; 2003; 2010), besides Lakoff and Johnson (1980), it will be investigated the performance of mechanisms triggering semantic changes such as metaphorization, abstraction and generalization of meanings, which lead the verbs to act in new contexts. To collect data, the social network *Twitter*, the newspapers *Folha.com*, *Globoesporte.com* and *G1.globo.com* were used, all of them are available online. Because of the enormous amount of data, the first 30 occurrences of each verb were selected in its most innovative uses, published between January 2017 and January 2019.

**Keywords:** Functionalism; linguistic change, abstraction; verbs.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: ariellyberlandi@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora Doutora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: fortilli@yahoo.com.br

## Introdução

No cumprimento das necessidades expressivas dos falantes, surgem novas expressões, sendo natural a atribuição de novos significados a formas já existentes de acordo com os objetivos da interação. Diferentes expressões linguísticas têm passado por um processo de extensão de significado, por ampliarem os seus contextos de uso, os quais interessam a este trabalho, desenvolvido sob a abordagem funcionalista. Seu objeto de estudos são os verbos *deitar* e *voar*, que, inicialmente, apresentam acepções, respectivamente, relacionadas a “estender-se ao comprido” e “sustentar-se ou deslocar-se no ar, por meio de asas/ mover-se e manter-se no ar por meios mecânicos”. Para além dessas significações típicas, outros usos, que expõem acepções inovadoras para os verbos em estudo, têm-se mostrado profícuos no português do Brasil. Os casos abaixo mostram atuações variadas de *deitar* e *voar*, encontradas em situações de interação pela internet:

(01) O suspeito entrou na loja e apontou a arma para um cliente que estava em um caixa eletrônico, pediu para ele **deitar** no chão e roubou os pertences dele. (g1.globo.com )

(02) A barata **voou** na minha direção por que isso acontece só cmg nessa casa (twitter.com)

(03) Olha o Romarinho **deitando** no mundial, já tem mais história que o Palmeiras kkkk. (blogfolha.uol.com.br)

(04) Após poupar titulares no estadual, Atlético-PR fecha 2018 **voando** e a dois passos do sonho. (globoesporte.globo.com)

Em (01), quando o falante diz “*pediu para ele deitar no chão*”, é possível entender que alguém ficou na posição horizontal, estendendo-se ao comprido. O mesmo ocorre em (02) com o verbo *voar*, pois, na asserção “*a barata voou*”, a acepção primordial é recuperada, aludindo a ação de “sustentar-se no ar por meio de asas”.

A partir das ocorrências (03) e (04), percebe-se que, de sentidos mais concretos, os verbos *deitar* e *voar* expressam acepções mais abstratas, pois passam a se relacionar à

forma exitosa como algo ou alguém se comporta em alguma atividade. A ligação entre os sentidos de origem e os sentidos inovadores, bem como os mecanismos que sustentam essa mudança linguística, são alvos da investigação que se faz nesse trabalho, que, como parte de uma pesquisa maior, traz algumas análises parciais.

Parte-se da ideia de que os mecanismos que possibilitam a relação entre as acepções de origem e as inovadoras são de natureza não só pragmática, mas também cognitiva. Desse modo, para a análise, pautaremos-nos nos estudos de Heine *et al* (1991) e Bybee (1994; 2003) que, dentro dos estudos de Gramaticalização (GR, daqui em diante), descrevem a abstratização, a metaforização e a generalização de significados, além de Bybee (2010), que traz os mesmos mecanismos em perspectiva construcional. Hopper; Traugott (1993) mostram que as pressões relativas à expressividade dos vocábulos desencadeiam a GR, permitindo que itens lexicais passem, com o tempo, a desempenhar funções gramaticais e, itens gramaticais, aumentem ainda mais a sua gramaticalidade, o que mostra que a gramática é afetada pelas necessidades geradas pelo uso.

O fenômeno da mudança por GR abarca vários processos, nos âmbitos morfossintático, semântico e pragmático, dentre os quais selecionamos os de ordem semântica. A trajetória de um elemento que passa por GR é influenciada por mecanismos dessa natureza, tais como a metaforização, que proporciona a extensão de significados, e a generalização, que possibilita um maior alcance contextual, devido às transformações que afetam os significados específicos. Essa possibilidade de alcançar mais contextos viabiliza que autores mais atuais, como Himmelmann (2004), entendam GR como uma trajetória de expansão, uma vez que são ampliadas as possibilidades sintáticas, semânticas e pragmáticas de determinado elemento<sup>3</sup>. Mesmo assim, considerando que um item em mudança por GR deve apresentar um aumento de gramaticalidade, com implicações em sua permanência na categoria de origem, não trataremos *deitar* e *voar* como verbos já inseridos no fenômeno, pois o foco será apenas nas alterações semântico-cognitivas que neles se apresentam.

---

<sup>3</sup> Para o autor, “semantic-pragmatic context expansion is the core defining feature of grammaticalization process” (HIMMELMANN, 2004, p. 33)

A abstratização metafórica, segundo Heine *et al* (1991), advém do modo como entendemos e conceituamos o mundo a nossa volta. Os estudos sobre abstratização embasam-se nas ideias de Lakoff & Johnson (1980), para quem grande parte do sistema conceptual humano está metaforicamente organizado. Assim, por intermédio da metáfora somos capazes de compreender um domínio da experiência humana em termos de outro, consideração que nos leva a investigar as ligações entre acepções mais concretas de *deitar* e *voar*, aquelas que lhes são de origem, e os novos sentidos, hipoteticamente, mais abstratos. Vale dizer que os contextos e sentidos atuais dos dois verbos são parecidos, daí a escolha de estudá-los conjuntamente.

Este artigo organiza-se da seguinte forma: primeiro são apresentados os aspectos teóricos e metodológicos e, posteriormente, a análise dos dados coletados. Por último, são apresentadas as considerações finais.

### **Aspectos teóricos e metodológicos**

O funcionalismo, ao contemplar o uso da língua em situações reais de comunicação, assume que “a forma dos enunciados não é entendida independentemente de suas funções” (NEVES; BRAGA, 1998). Observa-se que uma análise funcionalista das línguas naturais considera a fluidez como aspecto essencial a qualquer sistema comunicativo humano, ou seja, sua capacidade de assumir formas distintas em indivíduos diferentes e em situações diversas, ou ainda, épocas diferentes.

Para a vertente funcionalista, a gramática é um sistema constituído pelas regularidades decorrentes das pressões de uso, ou seja, a situação comunicativa é a responsável pela estrutura gramatical, sendo, assim, inconcebível desconsiderar o uso ao se estudar a gramática. De acordo com a Linguística Funcional Centrada no Uso, aspectos cognitivos têm muita importância no processamento da língua, já que essa, uma das formas mais complexas e sistemáticas de comportamento humano (BYBEE, 2010), também é regulada por processos cognitivos de âmbito geral. Segundo essa visão, não há um dispositivo cognitivo próprio para as questões de linguagem, como defendiam os gerativistas,

pois os processos cognitivos gerais, além dos culturais e sócio-interacionais, atuam em seu interior. A língua é, sob essa vertente, instrumento de interação social e “o interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua” (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015, p. 21).

Como a língua está continuamente sendo criada por motivação do uso, é normal que estruturas, de natureza gramatical e lexical, desapareçam e que outras sejam formuladas, dinâmica em que atuam domínios cognitivos básicos (BYBEE, 2010). As necessidades comunicativas, que são condições “externas” à língua, estimulam os processos cognitivos que agem de forma fundamental no processo de extensão de significados, desencadeador de certas mudanças linguísticas. Desse modo, o falante elabora novas expressões e, também, amplia o significado de palavras já existentes, por meio de dispositivos como a metáfora, a abstratização e a generalização.

A metáfora é um dos processos mais extensamente reconhecidos na mudança de significado. Hopper e Traugott (1993, p.84) afirmam que os processos metafóricos são processos de inferência por meio de limites conceituais, e tipicamente estabelecidos em termos de *mapping* ou saltos associativos de um domínio para outro. O *mapping*, de acordo com os autores, não é aleatório, mas motivado por analogia e relações icônicas. A analogia é um exemplo de mecanismo ligado ao processo cognitivo da metáfora, tal mecanismo não causa exatamente a mudança linguística, mas a expansão da mudança na língua, uma vez que estabelece um processo de regularização. É o que acontece quando uma criança diz *eu di* ao invés de dizer *eu dei*, ou, ainda, *esteja/esteje*. O falante, portanto, estende de modo unidirecional uma forma já conhecida para codificar usos que seriam menos gerais.

De acordo com Bybee (2010), vários pesquisadores utilizaram o termo “analogia” para descrever o uso de um novo item em um padrão já existente baseando-se em exemplares já armazenados. A autora afirma que “analogia se refere ao processo pelo qual o usuário passa a usar um novo item numa construção” (BYBEE, 2010, p.99) e complementa: “dada a especificidade das construções e o modo como elas são formadas por meio da experiência com a língua, a probabilidade e a aceitabilidade de um novo item são gradientes e se

baseiam na extensão de similaridade com os usos antigos da construção.” (BYBEE, 2010, p.99)

A conjugação dos verbos *trazer* e *saber* no pretérito perfeito do modo indicativo na Língua Portuguesa pode ser usada como exemplo de analogia. É comum ouvir conjugações do tipo eu *sube*, ou ainda, *eu trusse* ao invés de *eu soube* ou *eu trouxe*. Tais usos acontecem por analogia a outras formas verbais como *eu pude*, *eu fui*.

A linguagem, deste modo, é fundamentalmente metafórica, já que estendemos significados para formas já existentes na língua, devido a um grau de semelhança entre algo já conceituado e um objeto/atividade/entidade que o homem deseja conceituar. É por tal motivo que se considera a metáfora como portadora de motivação icônica. Segundo Lakoff e Johnson (1980), a metáfora não é vista como uma característica restrita à linguagem, mais muito articulada ao pensamento e à ação. Para os autores, a metáfora é bem mais do que expressão linguística, eles asseguram que nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é essencialmente metafórico. Afirmam, ainda, que a essência da metáfora é entender ou experimentar um tipo de experiência em termos de outra. Nesse sentido, entende-se que a maior parte do sistema conceptual humano está organizada metaforicamente, ou seja, a maioria dos conceitos é entendida em termos de outros conceitos, pois, mais do que a expressão linguística, a metáfora evidencia que um domínio da experiência humana é compreendido via saberes que se tem sobre outro.

Sobre abstratização, Heine *et al* (1991, p.44) pontuam que a abstratização metafórica diz respeito à maneira como compreendemos e conceituamos o mundo que nos cerca. Neste sentido as coisas que estão mais próximas são mais claramente estruturadas e delimitadas, menos abstratas do que as que estão mais distantes, menos estruturadas e delimitadas.

Um exemplo clássico, de Lakoff, Johnson (1980), é a metáfora TEMPO É DINHEIRO, em que a avaliação sobre o tempo, que constitui um domínio altamente abstrato, é delineada de acordo com a experiência de certas comunidades com o dinheiro, cuja conceituação é mais concreta. Assim, ao falar em *perder* tempo, *ganhar* tempo, *gastar* tempo, fazer *render* o tempo, *economizar* tempo, *poupar* tempo etc, o indivíduo atribui ao tempo a ideia de que ele pode ser gasto, contabilizado e medido, além de salientar que se trata de algo valioso. Outro

caso é DISCUSSÃO É GUERRA, já que a ideia de disputa gera expressões como “atacar o argumento” e “vencer uma discussão”. Em ambos os casos, as relações entre entes concretos e abstratos são elaboradas com base na cultura do povo que as estabelece. Os autores mostram que compreender o tempo e as discussões dessa maneira depende do olhar que os falantes de determinada língua os concebem, ressaltando que, para outras comunidades, a discussão poderia ser como uma dança e o tempo poderia não ter nenhuma proximidade com dinheiro.

Sobre semelhanças, os autores explicam que elas não são intrínsecas aos entes colocados sob comparação, mas baseadas no que as pessoas experimentam em suas ações relativas a eles. Assim, esclarecem:

As metáforas podem se basear em semelhanças, ainda que em muitos casos estas semelhanças se baseiem, por sua vez, em metáforas convencionais que em si mesmas não estão fundamentadas em nenhuma semelhança. As semelhanças baseadas em metáforas convencionais são, sem dúvida, reais em nossa cultura, já que definem parcialmente o que consideramos real. (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 186)

Essas últimas considerações são importantes porque explicam que as relações analógicas entre os objetos envolvidos em uma metáfora podem não ser “óbvios”. Tal interpretação permite afirmar que o pensamento metafórico do falante pode operar sem que um traço absolutamente perceptível alocado nos dois objetos se presentifique.

Contemplando a metáfora como um processo cognitivo primordial para a compreensão do processamento da linguagem e para a construção do sistema gramatical, Heine *et al* (1991) explicitam a unidirecionalidade do processo metafórico, o qual se faz conforme a escala de abstratização crescente a seguir:

PESSOA>OBJETO>ATIVIDADE>ESPAÇO>TEMPO>QUALIDADE

Os seis elementos dessa escala estabelecem domínios de conceptualização importantes para expressar as experiências humanas em termos cognitivos. Existe, entre eles, uma relação em que qualquer elemento mais à esquerda pode mapear outro à sua

direita. Como tal caminho parte do mais concreto para o mais abstrato, a metaforização e a habilidade humana de lidar e expressar conceitos cada vez mais abstratos atuam juntas.

De acordo com Bybee (1994; 2003), a generalização, outro processo que permite a mudança semântica, consiste na perda de características específicas de significado de um item com a conseqüente expansão de contextos apropriados de uso. A autora sustenta que a generalização deve ser considerada como um movimento lento e gradual que começa envolvendo habilidades mentais e vai se expandindo até envolver condições externas. Em Bybee (1994, p. 290), é apresentada a generalização de significado do verbo *can*, no inglês, como se vê no quadro abaixo:

**Quadro 4: A generalização do verbo *can*.**

---

*Can*

mental ability (i)	mental enabling conditions exist in an agent for the completion of the predicate situation.
general ability (ii)	enabling conditions exist in an agent for the completion of the predicate situation.
root possibility (iii)	enabling conditions exist for the completion of the predicate situation.

**Fonte:** Bybee (1994, p. 290)

De acordo com o esquema apresentado pela autora, o verbo *can*, do inglês antigo, passou de seu sentido inicial “habilidade mental” à revelação da “capacidade geral do falante”, quando se encontrava ligado a outro verbo. Após esse primeiro processo, o verbo generalizou-se novamente, passando a evidenciar uma possibilidade de raiz, expressando “condições gerais para a existência de uma situação expressa numa predicação”. A trajetória mostra que *can* portava especificidade de significado, o que se alterou com o tempo, propiciando a atuação do verbo em todo contexto em que se alude a possibilidade de que



algo aconteça como em “*The boss can see you tomorrow*”. A partir da generalização, ocorre um maior alcance contextual e, conseqüentemente, tendência de maior frequência de uso desses verbos.

Alinhados ao perfil da pesquisa funcionalista, em linhas gerais, os procedimentos metodológicos foram assim encaminhados: optou-se por selecionar dados do século XXI, retirados dos jornais online *Folha.com* (<https://www.folha.uol.com.br>), *Globoesporte.com* (<https://globoesporte.globo.com>) e *G1.globo.com* (<https://g1.globo.com/>). Todos os sites mencionados contam com um campo para buscas, que foi utilizado com os verbos em diversas conjugações (por exemplo, *deitei, deitando, deitou, deitaram, voou, voando, voei* etc). A rede social *Twitter* (<https://twitter.com/>) foi utilizada da mesma maneira. Os recortes nesse sítio foram feitos de contas públicas de usuários, estratégia que permite que qualquer pessoa com acesso a internet tenha contato com as ocorrências. Os dados coletados são do período de janeiro de 2017 a janeiro de 2019. A página conta com uma caixa de busca, onde se pode inserir o verbo. Os resultados são buscados em toda a rede, o que resulta num número enorme de ocorrências com imagens anexas, outros textos relacionados e links. Assim, optou-se pela coleta de 30 ocorrências inovadoras de cada verbo, para análise dos novos sentidos possíveis, descartando-se a intenção de realizar um mapeamento preciso da frequência. Com as ocorrências inovadoras em mãos, o conjunto de acepções dos verbos foi a elas relacionado, o que fomentou a discussão acerca da atuação de mecanismos como metaforização, abstratização e generalização de significados no percurso de *deitar* e *voar*.

### **Usos inovadores de *deitar* e *voar* no português do Brasil**

De acordo com o dicionário Aulete (*on line*), são possíveis as seguintes acepções para o verbo *deitar*:

1. estender(-se) ao comprido, mais ou menos horizontalmente, na cama ou como se fosse numa cama, para descansar ou dormir
2. encostar (algo) numa base e manter apoiado
3. pôr alguma coisa na horizontal ou quase isso
4. pôr, fazendo cair
5. deixar escorrer; derramar; verter
6. manter relação sexual; copular; dormir
7. emitir palavras ou qualquer tipo de som
8. irradiar (luz, calor); difundir
9. expelir (substância animal ou vegetal); exsudar
10. atirar(-se); lançar(-se); cair(-se)
11. empenhar(-se) em;

dedicar(se); diligenciar **12.** desprender algo no espaço; soltar **13.** progredir aos olhos da sociedade; melhorar; ascender; elevar(-se) **14.** guiar algo ou alguém a um destino; encaminhar(-se); conduzir **15.** pôr algo em lugar determinado; deixar; colocar **16.** expor (a si mesmo ou algo) por vaidade; ostentar **17.** dispor algo em posição inclinada; inclinar; descair; pender **18.** dar origem a, fazer surgir; gerar; criar **19.** voltar-se para **20.** vestir-se descuidada ou apressadamente **21.** atribuir a alguém a responsabilidade sobre algo; imputar **22.** firmar como base, princípio **23.** Avicultura: pôr para chocar.

Para cotejar as acepções já conhecidas às novas possibilidades de uso do verbo, são apresentadas, abaixo, algumas ocorrências:

(05) O filósofo Vanderlei Luxemburgo, 66, **deitou** sabedoria ao dizer que só os técnicos no Brasil são considerados superados quando chegam à terceira idade, ao contrário, por exemplo, dos médicos. (folha.uol.com.br)

(06) Eu to **deitando** no inglês!!! ajudei os caras da loja de câmeras (que se tornaram meus amigos essa semana) a atender um alemão. Me senti um tradutor. E garanti a venda ainda. (twitter.com)<sup>4</sup>

(07) Tô ouvindo umas músicas aí lembrei de ontem e puts, aquelas djs **deitaram** demaissss.. (twitter.com)

(08) Eu e o vitor **deitamos** no truco hoje, ganhamos 5 vezes seguidas. (twitter.com)

(09) Mano me fala se a Milene não é uma FADA, redação é o q eu mais odeio fazer, o q me preocupa e eu simplesmente **deitei**. Acho q vou postar até no face onde tem os adultos serios e dar o devido crédito pra essa mulher. (twitter.com)

(10) **Deitei** na peladinha hj. (twitter.com)

(11) O meia que o Grêmio tinha que investir chama-se Luan Silva, atleta do Vitória, 19 anos, liso, dribles e arrancadas, visão de jogo. **Deitou** contra o Grêmio no Barradão. É contratar antes que o Palmeiras ou Flamengo contrate. Tinha 12 milhões pro Thiago Neves? Tá aí um investimento. (twitter.com)

---

<sup>4</sup> Optou-se por manter a ocorrência da forma que o usuário a escreveu no Twitter, efetuando correções apenas nos casos em que poderia haver problema de compreensão.

Na ocorrência (05) podemos depreender que o verbo *deitar* assume o sentido de *esbanjar* ou *ter muita sabedoria*. Em (06) é possível entender que quando o falante afirma “*eu to deitando no inglês*”, ele está demonstrando seu bom desempenho na língua inglesa em determinada situação. A ocorrência (07) com a afirmação, “*aquelas DJs deitaram demais*” demonstra que as DJs em questão se destacaram em sua apresentação. Nas ocorrências (08) e (09), observamos que os falantes indicam que obtiveram desempenho excelente em alguma atividade, em (08) no ato de jogar truco e em (09) em uma redação. Os casos (10) e (11) expressão o êxito em competição esportiva.

É possível afirmar que a primeira acepção, “estender(-se) ao comprido, mais ou menos horizontalmente, na cama”, denota um processo concreto e mais básico dentre aqueles vivenciados pelo falante. Esticar-se na horizontal é um processo que envolve, inclusive, o corpo humano, o que faz desse sentido algo bastante concreto ao falante.

Esse não é, porém, o sentido selecionado em (05), em que *deitar* parece sinônimo de *irradiar*. O movimento do corpo ao deitar dá margem à ideia da horizontalidade, direção que pode ser tomada por algo para se propagar no espaço, daí a ideia de *irradiar* ou *lançar*, mais abstratas do que aquela que se refere a estender-se. Nesse caso, é possível identificar alguma semelhança entre os processos denotados por *deitar-estender* e *deitar-lançar-irradiar*.

Ressalta-se que, ao assumirmos a ideia de *deitar* como *irradiar*, é possível notar mais uma “camada” de mudança de significado, pois, primordialmente, o que se irradia são matérias como luz ou som (ALMEIDA, 2019). São matérias mensuráveis e materializáveis, mesmo que por meio de ondas. Outra possibilidade é o emprego de *deitar* com sentido de despejar, como em *deitou bebida no copo*. Já sabedoria, presente em (05), é algo do âmbito cognitivo, sem concretude, que pode ser lançado, despejado ou irradiado apenas metaforicamente. Nesse contexto, já se pode notar certa generalização, centrada não no significado de *deitar*, mas no complemento que a ele se liga. De todo modo, quando um elemento pode se combinar com complementos que seriam incompatíveis num primeiro momento, há pistas de que o significado do primeiro está se tornando menos específico.

É interessante notar que, quando essa acepção se faz presente, o verbo atua como transitivo direto. A relação de complementação, que se acabou de mencionar, acontece apenas quando se tem a ideia de despejamento ou lançamento. Nos demais casos, o verbo *deitar* comporta-se como intransitivo, seguido de possível adjunto adverbial de lugar. Com a acepção mais original, “estender-se”, o adjunto adverbial deve ter natureza mais concreta, como em *eu deitei na rede*. Com acepções em que operam a abstratização e a metáfora, o adjunto adverbial que se apresenta não é mais de lugar, pois exprime algo que não é físico, como em *eu deitei na prova de matemática*. Diante desse exemplo criado, os usuários da língua teriam que, necessariamente, reorganizar a compreensão que se tem do verbo, porque pelo conhecimento de mundo, saberiam que não faz sentido alguém se vangloriar por ter se estendido sobre uma prova.

Assim, pode-se dizer que processo mais inovador se vê nos casos de (06) a (11). Neles, a partir do conhecimento como falante da língua, não se consegue associar o significado do verbo a nenhum daqueles elencados pela obra lexicográfica. Em materiais linguísticos menos formais, como o Dicionário Informal *on line* ([www.dicionarioinformal.com.br](http://www.dicionarioinformal.com.br)), internautas, isto é, falantes “comuns” do português, disponibilizam definições para *deitar* em expressões inovadoras, como *Luis Fabiano deitou no jogo contra a Argentina*, que significa jogar muita bola ou jogar muito bem. Em seguida, há uma lista de acepções, sendo que as mais próximas dos sentidos já previstos são “se lançar a algo”, “se atirar”, “se atrever” e “se aventurar”, atos entendidos como uma entrega total a uma atividade, cujo resultado tende a ser bom. Retomando Lakoff; Johnson (1980), em muitos casos, as semelhanças entre os objetos e atividades se baseiam em metáforas convencionais que, em si mesmas, não estão fundamentadas em nenhuma semelhança. Se *deitar* no jogo é atirar-se, lançar-se plenamente, entregando-se a ele, essa já é uma compreensão mediada pelo pensamento metafórico, ou seja, é o uso de uma atividade mais concreta (lançar-se) para a expressão de uma mais abstrata (entregar plenamente as próprias energias em favor de uma empreitada).

Uma outra possibilidade de compreensão de *deitar* surge se for evocada a expressão *deitar e rolar*. Não foi possível encontrar estudo histórico que explique a origem dessa

expressão, sendo que a única referencia vem de um material *on line*: “é aparente o seu valor metafórico, evocativo de qualquer corpo ou volume de grande peso e dimensão (por exemplo, como no *bowling* ou boliche) que, posto em movimento, derruba outros objetos na sua passagem.” (www.ciberduvidasdelinguaportuguesa.com). Em Almeida (2019), foi encontrada grande variedade de usos de *deitar* no português europeu, mas nenhuma menção a “deitar e rolar”. De todo modo, se entendermos *deitar e rolar* como deslocamento de um objeto que liquida outros à sua frente, está implicada a ideia de lançamento/lançar-se, fato que sugere que essa acepção é o elo entre os vários usos de *deitar*.

A rede social Twitter tem postagens diárias de milhões de usuários, de modo que não é possível tabular todas as ocorrências de usos inovadores do verbo *deitar* que nela surgem. Mesmo assim, é possível estimar que, apenas nessa rede, entre janeiro de 2017 e janeiro de 2019, houve em torno de quinhentos casos semelhantes aos de (06) a (11), o que pode ser indicativo de aumento de frequência desse verbo, a partir dos desdobramentos de seu significado.

Feitas as análises sobre *deitar*, são apresentadas, abaixo, as acepções do Aulete para *voar*:

1. sustentar-se ou deslocar-se no ar, por meio de asas. 2. mover-se e manter-se no ar por meios mecânicos. 3. fig. deslocar-se, passar ou consumir-se com rapidez. 4. fig. propagar-se com rapidez. 5. desaparecer rapidamente; dissipar-se; sumir. 6. fig. fazer viagem aérea; ir de avião para. 7. fig. jogar-se sobre; atirar-se. 8. ir para longe. 9. bras. pop. fragmentar-se por explosão; explodir. 10. p.ext. sacudir-se ao vento; esvoaçar; tremular. 11. fig. deslocar-se com grande velocidade. 12. fig. passar muito depressa. 13. fig. consumir-se rapidamente. 14. liberar a imaginação. 15. fig. atirar-se impetuosamente sobre; agredir; atacar.

As ocorrências a seguir demonstram os usos possíveis para o verbo *voar* na atualidade, sobretudo nas situações de comunicação pela internet:

(12) 50 seguidores maluco! Obrigado a todos! Tô **voando** agora! Rumo à primeira centena. (twitter.com)

(13) Tô **voando**, nego olha o que eu tô conquistando. (twitter.com)

(14) Mano como assim eu **voei** no Enem, 960 na redação chupa sociedade (twitter.com)

(15) Nossas #SereiasDaVila foram escolhidas para a Seleção do #BrasileirãoFeminino 2018. Parabéns à lateral Maurine, à zagueira Tayla e à volante Brena! Nossas meninas realmente **VOARAM** na temporada! (twitter.com)

(16) Ganso Meia - 29 anos Faz a bola correr Quebra linhas com apenas um passe Visão diferenciada, tacada de bilhar Acima da média para os padrões nacionais **Voou** em 2015/2016 tendo qualidade em volta... (twitter.com)

(17) E esse time da copinha hein? tá **voando**, tô gostando. (twitter.com)

(18) Tive muito tempo de jogo nesta temporada, fiz gols, dei assistências. Estou **voando**, cheguei em grande forma para a seleção da Inglaterra. (globoesporte.com)

Nota-se pelas ocorrências (12) e (13) que a afirmação dos falantes “*tô voando*” demonstra que eles estão obtendo sucesso e visibilidade com as atividades que estão desenvolvendo. Em (14), ao relatar “*voei no enem*”, o falante indica que teve uma boa nota na prova, ou seja, conseguiu atingir um excelente resultado. Na ocorrência (15) quando lemos, “*nossas meninas realmente voaram na temporada*” podemos compreender que durante, a temporada, as jogadoras se destacaram com uma ótima performance e em (16), do mesmo modo, entendemos que, ao dizer que Ganso “*voou em 2015/2016*”, o falante declara que o jogador se destacou naqueles anos, fez sucesso. As ocorrências (17) e (18) também remetem à situação de triunfo em competição esportiva, futebol, em específico.

Dentre as acepções já consolidadas e, inclusive, constantes do Aulete, nenhuma licenciaria os usos que se tem de (12) a (18). Uma possível associação poderia ser estabelecida com “deslocar-se com grande velocidade”, sentido já consagrado pelos falantes do português, em casos como *se precisar de mim, vou aí voando*. Essa primeira alteração de significado, gerada pelo uso, dá margem para a relação entre velocidade, que é mais concreta e mensurável, e intensidade com que se faz algo.

Tomando-se, por exemplo, o caso (14), percebe-se que a ação desenvolvida pelo emissor não foi veloz, dado o contexto de avaliação que o Enem estabelece. A compreensão que tem da ocorrência exige, então, que se assuma que velocidade oferece subsídios para,

por metáfora, pensar-se em intensidade, pois o ato de fazer a redação do Exame Nacional do Ensino Médio foi executado muito bem. O contexto não permite que tenha havido, no exame, um deslocamento espacial, mas uma ação à qual, de acordo com os falantes, pode-se atribuir o mesmo vigor que se atribuiria a um vôo.

Todos os casos acima mostram que os indivíduos envolvidos nas situações expressas não foram velozes, em vez disso, os resultados de suas ações é que foram intensos, enérgicos e gloriosos. A proposição de uma escala mostraria que velocidade é um conceito que tem, para os falantes, mais concretude do que intensidade, daí a possibilidade de entender o caso de *voar* a partir de um aumento de abstratização. Linguisticamente, o efeito disso é o emprego de tal verbo de movimento como um verbo conotador de desempenho e de qualidade da performance de algo ou alguém. Para equalização do que se fez com o verbo *deitar*, foi verificada a atuação de *voar* no português europeu, via Almeida (2019). Nenhuma alusão a esse sentido inovador que se verifica no português brasileiro foi encontrada.

Com o comportamento acima descrito, vê-se que o verbo em questão expande suas possibilidades de compor sentenças. Às suas acepções, já diversificadas no uso, acrescenta-se mais uma camada, o que contribui para que seus traços sejam ainda menos específicos. Uma consequência possível é o aumento de frequência, aspecto que, nesse estudo, pode ser apenas indicado, pela dificuldade de se controlar número de ocorrências no Twitter, principal fonte de dados, ambiente em que os milhões de usuários fazem postagens ininterruptamente. O histórico dessa rede social permite estimar a frequência do uso inovador de *voar*, que é menor do que a de *deitar*, mas já é significativa nos últimos anos. Uma contagem estimada sugere quatrocentas ocorrências entre janeiro de 2017 e janeiro de 2019.

Associando as análises dos dois verbos, entrecruzando as acepções já catalogadas e aquelas inovadoras, os perfis de *deitar* e *voar*, contemporaneamente, poderiam ser assim resumidos: há uma tendência para que a dinamicidade e o movimento pressupostos nesses itens, desenvolvidos espacialmente, sejam reconhecidos pelos falantes como base para a expressão de uma dinamicidade que se consolida em atividades e ações. Quando se diz que

alguém *deitou* ou *voou* em algo, cria-se a ideia de que alguém se lançou a uma tarefa, agindo intensamente nela e obtendo sucesso, sentido que se sobressai em cada caso inovador encontrado no corpus.

### **Considerações finais**

Neste estudo, discutiram-se as mudanças de significado captadas nos verbos *deitar* e *voar* no português do Brasil, com vistas a esclarecer, especificamente, dois pontos: a relação entre os significados já consagrados para esses verbos e aqueles que se apresentam nos usos denominados inovadores, constituídos entre 2017 e 2019, e os mecanismos que atuam na trajetória desses verbos de modo a possibilitar as mudanças.

Uma primeira consideração é sobre a seleção da ideia de movimento nos dois verbos, ainda que tal acepção se apresente de maneira diferente em cada um deles. Em *deitar*, tem-se a ideia de um movimento horizontal, e em *voar* a ideia de movimento no ar. No primeiro caso, o movimento horizontal reverte-se na noção de lançamento e, em seguida, na noção de entregar-se a uma tarefa, lançar-se a ela. No segundo, o movimento se traduz na ideia de rapidez, velocidade com que alguém se locomove, sentido que depois se reveste da acepção de intensidade. Trata-se da intensidade com que alguém protagoniza uma tarefa. Em ambos os casos, esse ainda não é o significado “final” nas ocorrências, pois esse, gerado por tais alterações, tem a ver com o sucesso que se tem ao se lançar a uma atividade.

A passagem da ideia de movimento, mais concreta, à ideia de entrega e de intensidade, as quais geram a de sucesso, mostram um caminho crescente de abstratização, que evidencia as operações metafóricas que culminam na criação de novos significados. Como consequência, os dois verbos em questão ajudam a construir maior número de sentenças e circulam em um maior número de interações humanas consolidadas pela língua, pois seus significados expandem-se, reconfigurando traços que se tornam menos específicos.

### **REFERÊNCIAS**



ALMEIDA, J. J. *Dicionário aberto de calão e expressões idiomáticas*. Minho, Portugal, 2019. Disponível em <http://natura.di.uminho.pt/~jj/pln/calao/dicionario.pdf>. Acesso em 14 jun. 2019.

BYBEE, J. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. The university of Chicago Press, ltd. London: 1994. p. 281-302.

BYBEE, J. Cognitive Processes in Grammaticalization. In: TOMASELLO, M. (ed.) *The New Psychology of Language*. Vol II. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

BYBEE, J. *Language, usage, and cognition*. Cambridge, Cambridge University Press, 2010.

CUNHA, M.; COSTA, M.; CEZARIO, M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. et al. (orgs). *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 21-47.

DEITAR. In: Aulete Digital. Brasil: Lexikon Editora, 2014. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 09 jun. 2019.

DEITAR. In: Dicionário Informal, Dicionário Online de Português. 2019. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/deitar/>. Acesso em 14 jun. 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha, [1921-2019]. Diário. Disponível em: <<https://www.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

GLOBO ESPORTE. Rio de Janeiro: Grupo Globo, [2006-2019]. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

G1 PORTAL DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Grupo Globo, [2006-2019]. Disponível em: <<https://g1.globo.com/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago, 1991.

HIMMELMANN, N. Lexicalization and grammaticalization: Opposite or orthogonal? In: HIMMELMANN, N.; WIEMER, B. (ed.). *What makes Grammaticalization? A look from its Fringes and Components*. Berlin: Mouton de Gruyter. 2004. p. 21-42.

HOPPER, P.J.; TRAUGOTT, E.C. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1993.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we Live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

NEVES, Maria Helena de Moura; BRAGA, Maria Luiza. Hipotaxe e Gramaticalização: uma Análise das Construções de Tempo e de Condição. *DELTA*, São Paulo, v. 14, n. spe, p. 00,

1998 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501998000300013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 08 jun. 2019.

TWITTER: Estados Unidos: Twitter, Inc, [2006-2019]. Disponível em:<<https://twitter.com/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

VOAR. In: Aulete Digital. Brasil: Lexikon Editora, 2014. Disponível em:<<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 9 jun. 2019.

VOAR. In: Dicionário Informal, Dicionário Online de Português. 2019. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/voar/>. Acesso em 14 jun. 2019.

Recebido em: 14 de junho de 2019  
Aceito em: 26 de junho de 2019  
Publicado em: junho de 2020